

DEBAIXO DA PELE de Jonathan Glazer _ 22 de Janeiro de 2015

sinopse Debaixo da pele de Laura (Scarlett Johansson) está um alienígena. A sua missão é caçar seres humanos, pois a sua carne é um alimento para os da sua espécie. Com isso em mente, ela percorre a Escócia, seduzindo homens que leva para um estranho lugar onde são mantidos vivos para posterior consumo. Porém, ao longo do processo e contra todas as probabilidades, Laura descobre uma inesperada humanidade em si mesma que em nada lhe facilitará a tarefa.

Um filme de ficção científica realizado por Jonathan Glazer ("Sexy Beast", "Birth - O Mistério") que segue um argumento seu em parceria com Walter Campbell e que adapta o romance de estreia do novelista Michel Faber.

Título original: Under the Skin (Grã-Bretanha, 2013, 108 min.)

Realização: Jonathan Glazer

Interpretação: Scarlett Johansson, Jeremy McWilliams, Lynsey Taylor Mackay

Produção: James Wilson, Nick Wechsler

Argumento: Walter Campbell, Jonathan Glazer

Musica: Mica Levi

Fotografia: Daniel Landin

Montagem: Paul Watts

Estreia: 8 de Maio de 2014

Distribuição: Lusomundo Audiovisuais

Classificação: M/12



Deste mundo e dos outros

João Lopes, Cinemax

Scarlett Johansson protagoniza aquele que é, desde já, um dos grandes acontecimentos cinematográficos de 2014: "Debaixo da Pele", de Jonathan Glazer, convoca-nos para uma experiência invulgar, algures na fronteira entre realismo e fantástico.

Será que podemos definir "Debaixo da Pele" (título original: "Under the Skin") como um filme de ficção científica? Sim — afinal de contas, esta é a história de uma *alien*, interpretada por Scarlett Johansson, que desce à Terra, apoderando-se do corpo de uma jovem, e viajando pelas paisagens da Escócia atraindo homens para um fim angustiante...

E será que podemos também classificar "Debaixo da Pele" como um filme tocado por toda uma herança realista ligada ao realismo britânico? Podemos dizer que sim, desde logo porque os ambientes são registados de forma muito directa, quase documental, sem esquecer que o realizador Jonathan Glazer é inglês (nascido em Londres, em 1965), tendo, por certo, a sua formação ligada a mestres como John Grierson (curiosamente, de origem escocesa).

Tudo isso nos pode ajudar a definir as singularidades de "Debaixo da Pele" e, ao mesmo tempo, tudo isso se revela insuficiente para darmos conta da estranha beleza e do bizarro fascínio de um filme que, goste-se muito ou goste-se pouco, tocará qualquer espectador pelo carácter único da sua experiência.

Porque é disso mesmo que se trata — de uma experiência que, em primeiríssimo lugar, valoriza o cinema, não exactamente como um instrumento de ilustração de histórias com "princípio-meio-e-fim", mas sim como uma ambiência audiovisual capaz de nos convocar para um desafio sistemático e subtil das formas correntes de percepção & pensamento.

Glazer, vale a pena recordar, já nos tinha envolvido numa aventura igualmente intensa com o belíssimo "Birth - O Mistério" (2004), em que Nicole Kidman interpretava uma jovem viúva, um dia visitada por um rapaz de 10 anos que lhe diz ser o seu marido reencarnado... Aliás, também no seu trabalho na área dos telediscos, Glazer assinou trabalhos notáveis que desafiam as lógicas correntes das imagens e das suas "mensagens" — vale a pena recordar o caso admirável de "Street Spirit (Fade Out)" (1996), dos Radiohead.

Under the Skin (2013) de Jonathan Glazer

Ricardo Gross, à pala de Walsh de 14 de Maio de 2014

Fiz o exercício, durante a projecção de **Under the Skin (Debaixo da Pele, 2013)**, de procurar ver o filme abstraído-me da informação que possuía sobre o mesmo. Vou agora tentar exercício semelhante, que consiste em não me socorrer de outras apreciações que possam desvirtuar aquilo que de facto experimentei: este espectador apenas, mais a sua bagagem de referências. Ia com expectativas, claro. Jonathan Glazer tem um dos filmes de que mais gosto neste século: **Birth** (Birth – O Mistério, 2004), onde se percebia que as referências do Glazer de então seriam Roman Polanski e Stanley Kubrick, mantendo-se este último no novo **Under the Skin**, a par de outro cineasta, menos consensual, como é Nicolas Roeg. **Under the Skin** assemelha-se, formal e narrativamente, a algum cinema de autor das décadas de (19)70 e 80 que ousava a experimentação, e tem também, reconheçamos-lhe esse mérito, a capacidade de se fazer passar por um produto genuíno do período, com as limitações que eram também as dos seus pares desse outro tempo.

Existe um livro de ficção na origem de **Under the Skin**, mas como não conheço esse título de Michel Faber, disso não falo. Já o filme avança num misto de imagens, umas com forte pendor realista, dir-se-ia captadas por uma câmara que se mistura anónima ou distanciadamente e olha os escoceses: na estrada, pelas ruas, em centros comerciais, junto ao mar, ou no meio da paisagem bela e rude do país – uma paisagem cujos traços principais se confundem com os da protagonista revestida por Scarlett Johansson. A inteligência do filme está concentrada na primeira metade, quando esta predadora de homens vulgares os atrai para uma casa escura que será a perdição deles. Saídos do universo realista da conquista, chegamos a uma divisão de contornos indefinidos que serve os propósitos plásticos de Glazer – nos antípodas desse predominante registo em momentos quase de reportagem –, alguém para quem o cinema se situa próximo de outras linguagens, aqui sobretudo das artes plásticas contemporâneas.

Nada sabendo de Laura (Scarlett), podemos apenas entregar-nos ao seu mistério, à sua beleza e ao poder de sedução que começa numa voz que alguns considerarão, e eu aprovo, o principal atributo da actriz. Scarlett está magnífica e a neutralidade do seu registo, até determinado ponto, funciona como o espelho que devolve as emoções que o espectador, porque humano, experimenta, ainda que no desconhecimento de maior informação. O filme de Jonathan Glazer equilibra o relativo autismo que decorre do facto de pretender ser visto como objecto artístico, com a coreografia de situações de tensão dramática universais, como a que mostra um bebé indefeso na praia, cujos pais terão desaparecido quando procuravam salvar o cão da família do afogamento.

Os encontros sucessivos com vítimas ou potenciais vítimas vão operando uma transformação em Laura e, de uma forma igualmente estranha, humanizam-na. Ou pelo menos irão torná-la vulnerável. A história – porque todos os filmes têm uma história, até quando é preciso encontrá-la em mais abstractos contornos – encaminha-se para que o espectador transfira a sua identificação com os homens vítimas de Laura para Laura enquanto vítima dos homens. Reverso dispensável que trai o hermetismo por sentimentos partilháveis, sobrepondo o drama da criatura de outro planeta a uma ficção até aí ocupada pelos fantasmas de cada um (em particular, os masculinos). A radicalidade do gesto de Glazer, descontando os autores que o antecederam e inspiram, mas atendendo sobretudo ao facto de o cinema comercial ser cada vez mais normalizado e adormecedor das capacidades de concentração e inteligência do espectador, vem a desaguar numa poética emocional demasiado explícita. Mas o filme fica connosco, no interior da carrinha conduzida por Laura e na melodia daquela voz que ecoa na antecâmara do matadouro.

Aprender a ser humano _ ENTREVISTA com JONATHAN GLAZER

Jorge Mourinha, Público de 8 de Maio de 2014

Debaixo da Pele faz de Scarlett Johansson uma predadora ET nas ruas de Glasgow. Jonathan Glazer explica porque é que fez uma experiência sensorial que polariza as reacções dos espectadores.

Aviso prévio à navegação: este filme não deixa ninguém indiferente. Goste-se ou não - e o próprio realizador Jonathan Glazer admite que o filme é polarizador - quem sair de ***Debaixo da Pele*** vai sair a perguntar-se “o que raio é isto que acabei de ver?”

“Isto” - outra vez, goste-se ou não - é um dos mais extraordinários objectos formais que o cinema contemporâneo nos propôs nos últimos anos. Uma espécie de quebra-cabeças sem solução pré-definida, deixado ao sabor do que o espectador nele quiser ver. E era isso que Jonathan Glazer queria fazer: “Um filme que exige participação e um diálogo com o espectador. Acredito piamente num cinema que respeita as pessoas, que lhes permite sentir e lhes oferece uma experiência.”

É isso que ***Debaixo da Pele*** é: uma experiência sensorial, onde a narrativa e o diálogo são secundários, onde o filme é transportado pela modulação precisa do jogo entre imagens e sons. Partindo de um romance de Michel Faber, Glazer eliminou as marcas mais ou menos convencionais da narrativa até não restar nada a não ser um ambiente, um desconforto, um “mal-estar existencial” nas suas próprias palavras. No livro, Faber acompanhava uma caçadora de corpos extra-terrestre em missão na Escócia. No filme, uma irreconhecível Scarlett Johansson encarna (é a palavra) essa extra-terrestre, mas o porquê da sua missão é completamente eliminado. Ficamos apenas com a experiência de uma criatura alienígena num sítio que não conhece - de uma predadora que se deixa tornar vulnerável, de um ser que aprende a ser humano.

Porquê ou como não vem ao caso. Não é o fim que interessa, é a viagem.

“É isso que estávamos a tentar fazer,” diz Glazer ao telefone de Londres. “Algo de experiencial, como um sonho, uma droga, algo que nos transporta para outro sítio, que podemos decidir acompanhar, ou não. É perfeitamente possível,



ao fim de dez minutos, o espectador pensar "isto não é para mim", e outro espectador deixar-se transportar pelo filme, entregar aos rostos no ecrã os seus próprios pensamentos. É assim que o filme funciona."

Em Veneza, onde ***Debaixo da Pele*** estreou em competição em 2013, as reacções foram extremadas; agora, que começa a estrear por todo o mundo, continuam a sê-lo, mas emprestando ao filme uma aura de "acontecimento" alimentada pelas reacções entusiasmadas (e, a nosso ver, perfeitamente justificadas) de alguns críticos. A palavra "obra-prima" foi usada umas quantas vezes. A comparação a Stanley Kubrick também. (Quem conhecer o seu teledisco para *The Universal*, dos Blur, com umas quantas citações directas de ***Laranja Mecânica***, não ficará forçosamente surpreendido.)

Do outro lado da linha, Glazer pausa, parece tentar fazer sentido da pergunta. "Tinha esperança que houvesse interesse suficiente no filme para que as pessoas o quisessem ver. Mas tinha perfeita consciência, desde o início, que não fazia ideia do modo como elas iriam reagir. Sabia que ia haver reacções muito fortes tanto a favor como contra. Mas as reacções positivas têm sido bem mais fortes do que eu estava à espera. Espero que as pessoas estejam a reagir ao que há de muito honesto e singular no filme."

O ponto de vista do alienígena

Glazer, londrino de 49 anos, é conhecido pelo seu trabalho na publicidade e nos telediscos (Nick Cave, Massive Attack, Blur, Radiohead, Jamiroquai); mas mesmo aí, a sua sensibilidade sempre foi um pouco esquinada. "Não estou interessado em repetir-me, uma vez que tenha feito uma coisa não me interessa voltar a fazê-la. Gosto do lado de corda bamba sem rede, de estar no intervalo entre o sucesso e o fracasso, do risco criativo." Numa entrevista ao jornal inglês Guardian, evocava-se um anúncio que dirigiu para a marca de chocolates Cadbury com o actor francês Denis Lavant que foi rejeitado pela companhia por ser demasiado estranho. "O medo abunda hoje" nas agências de publicidade, disse àquele jornal (e não só nas agências de publicidade, diríamos nós). O que torna ainda mais notável como um filme tão radical, tão alheio a qualquer tipo de exigência comercial, como ***Debaixo da Pele*** conseguiu ser feito no actual mundo do cinema anglo-americano. E com uma actriz de Hollywood no papel principal.

"Nunca senti nenhum tipo de pressão para tornar o filme mais acessível ou mais inteligível," diz Glazer. "Foi uma situação ideal que espero poder voltar a ter. Foi a primeira vez que tive este tipo de apoio, em que o Filmfour [divisão de produção do Channel 4 inglês] e o British Film Institute [principais financiadores] tiveram a presença de espírito suficientes para me deixar fazer o filme que eu queria. Tive muita sorte."

Particularmente porque ***Debaixo da Pele*** levou dez anos a montar, desde que Glazer leu o livro, logo a seguir à sua estreia na longa-metragem em 2000 (com o aclamado filme de gangsters ***Sexy Beast***, com Ben Kingsley e Ray Winstone), até à estreia em Veneza. Pelo meio, houve mais anúncios, mais telediscos, um outro filme (***Birth - O Mistério***, 2003, outro objecto fora do baralho, filme de culto com Nicole Kidman no papel principal) e uma década em busca da solução para colocar no ecrã aquilo que Glazer procurava, que passou por uma série de guiões que foram progressivamente depurados. "Mantive-me muito fiel ao filme que quis fazer desde o primeiro dia. Tinha uma ideia muito clara do que queria, mesmo que não necessariamente da forma que lhe ia dar... Durante muito tempo não tive bem a certeza como fazer o filme - uma vez essa metodologia descoberta, tornou-se evidente que tinha de ser a Scarlett [a interpretar a extra-terrestre]."

A "metodologia" derivou da ideia central que assombrava Glazer: "ver as coisas pelos olhos de um alienígena, fazer um filme desse ponto de vista - não só contando a sua história, mas contando-a através dos seus olhos. E, através disso, fazer um filme que estivesse fora de tudo. Representar essa estranheza. Foi aí que tudo começou, tentar transpor esse sentimento para o ecrã. O que

quer que esse sentimento seja, é isso que o filme é. Uma espécie de mal-estar existencial, o paradoxo do corpo e da alma. Estar vivo e o que é isso de estar vivo.”

É, no fundo, essa a “história” de ***Debaixo da Pele***: alguém que descobre um mundo e aprende o modo como o seu próprio corpo encaixa nesse mundo.

Scarlett Johansson foi “largada” “à paisana” nas ruas de Glasgow, a pé ou conduzindo uma Ford Transit, com uma câmara escondida atrás - “trabalhar com uma atriz conhecida, trazê-la para um sítio onde a introduzimos quase como espia, filmá-la sem se dar por isso” tornou-se no dispositivo do filme, num “espelho” da premissa narrativa. A sua predadora extra-terrestre é a verdadeira



“mulher fatal”, “viúva negra”, “comedora de homens”, uma sedutora que arrasta os homens para a sua perdição - mas que, aos poucos, parece ganhar consciência (dir-se-ia, quase, humana) do que está a fazer. Como se a sua “absorção” da humanidade começasse a alterar a sua própria maneira de olhar para este mundo.

Talvez por isso, por esse jogo de identificação gradual do alienígena com o nativo, ***Debaixo da Pele*** recorde tanto um outro filme “alienígena” em todos os sentidos da palavra - ***O Homem que Veio do Espaço***, de Nicolas Roeg, com o ET David Bowie a deixar-se seduzir pelos prazeres da Terra. Glazer percebe a referência, mas mantém-se à distância. “Adoro a sensibilidade marginal desse cinema inglês - Nicolas Roeg, claro, mas também Lindsay Anderson, Ken Russell, Derek Jarman... E hoje isso não existe o suficiente. Sou um cineasta inglês, este é o mundo em que nasci e cresci, e certamente que isso está sempre presente; e não quis rodar um filme como se fosse um turista, quis rodar um filme que estivesse imerso num lugar. Mas este filme funciona fora de tudo o resto, e foi aliás sempre essa a minha intenção. Não estava a tentar integrar influências, antes o contrário: tentar afastá-las todas. Não posso fazer nada contra isso, as pessoas verão o que quiserem.”

Ainda assim, admite “um único momento” onde há uma referência consciente a outro cineasta. “Os primeiros três planos vieram de uma necessidade de encontrar uma linguagem com que as pessoas estivessem familiarizadas para começar o filme. E claro que teria de ser o melhor filme de ficção-científica de sempre, que é o ***2001*** de Stanley Kubrick. Era uma maneira de levar as pessoas a pensar que estariam a ver um filme de ficção-científica, mas pelo quarto plano as pessoas ficam surpreendidas e descobrem-se num sítio completamente diferente.” Um sítio onde nunca estivemos antes e onde não temos certeza de querer voltar - mas que não se parece com nenhum outro. Que se infiltra, para citar o título do filme, “debaixo da pele”.

Jonathan Glazer tem razão: goste-se ou não, ***Debaixo da Pele*** existe por si só, à parte de tudo. É um milagre que este filme exista, assim, hoje. E, como milagre que é, deve ser acarinhado.